

Desvio na praça²⁰

LISABETE CORADINI (UFRN)

20 Uma primeira versão deste capítulo foi apresentada no seminário Trajetórias Antropológicas: reflexões sobre a obra de Gilberto Velho, realizado na Universidade de Brasília, em 22 de maio de 2014.

Método singular: trata-se de aprender a ver o que é nosso como se fossemos estrangeiros, e como se fosse nosso o que é estrangeiro [...] Basta que tenha, algumas vezes e bem longamente, aprendido a deixar-se ensinar por uma outra cultura, pois, doravante, possui um novo órgão de conhecimento, voltou a se apoderar da região selvagem de si mesmo, que não é investida por sua própria cultura e por onde se comunica com as outras (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 146-148).

Marco entra numa cidade; vê alguém numa praça que vive uma vida ou um instante que poderiam ser seus; ele podia estar no lugar daquele homem se tivesse parado no tempo tanto tempo atrás, ou então se tanto tempo atrás numa encruzilhada tivesse tomado uma estrada em vez de outra e depois de uma longa viagem se encontrasse no lugar daquele homem naquela praça. Agora, desse passado real ou hipotético, ele está excluído, não pode parar; deve prosseguir até uma outra cidade em que outro passado aguarda por ele, ou algo que talvez fosse um possível futuro e que agora é o presente de uma outra pessoa. [...] (CALVINO, 2003, p. 28).

O capítulo que ora apresento é apenas uma reflexão sobre as inquietações que a Antropologia Urbana vem provocando em mim desde a graduação em Ciências Sociais, notadamente no que diz respeito à questão metodológica – um desafio colocado para o antropólogo que estuda a sua cidade. O tema não é nem tão novo e nem tão velho e nem tampouco superado. Minhas inquietações hoje em dia permanecem, embora busquem novos ângulos e novos horizontes. Muitas dessas inquietações foram provocadas pela leitura da obra do Gilberto Velho.

No ano de 2014, algumas homenagens a um dos principais autores da Antropologia Urbana no Brasil, Gilberto Velho, foram realizadas e conseguiram articular uma rede de pesquisadores por meio do Convênio PROCAD, contando assim com a participação de Professores da UFSC, UnB, UFAM, Museu Nacional, UFG e UFRN.

Com vistas a preparar minha apresentação para essas homenagens, comecei a ler e reler vários livros do Gilberto Velho. Reli a minha Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Sociais e a minha Dissertação de Mestrado e percebi como a obra de Gilberto Velho e suas reflexões teóricas e metodológicas sobre a Antropologia Urbana foram fundamentais nas minhas primeiras experiências como antropóloga. Dei-me conta de que aprendi esse ofício observando a cidade e seus moradores em suas práticas cotidianas mais banais. Essa homenagem

me levou a pensar na minha própria trajetória “individual” e nas palavras de Gilberto Velho:

Alfred Schutz desenvolveu a noção de projeto como “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Embora o ator, em princípio, não seja necessariamente um indivíduo, podendo ser um grupo social, um partido, ou outra categoria, creio que toda a noção de projeto está indissolúvelmente imbricada à ideia de indivíduo-sujeito [...]. A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos (VELHO, 1994, p. 101).

Enquanto estudante do curso de Ciências Sociais, para entender a minha própria cultura, foi importante a leitura do ensaio de Roberto DaMatta (1978) intitulado *Anthropological blues*, em que ele trata do duplo ofício do etnólogo, qual seja: transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Foi através dessa leitura que percebi que estamos o tempo todo pressupondo familiaridades e estranhamentos.

Aliás, o meu primeiro desafio, durante o trabalho de campo, foi o da distância e proximidade do investigador com relação ao seu objeto – tarefa nada trivial e nem sempre bem-sucedida, como alertam alguns antropólogos. Transitar por caminhos tão próximos sem enxergar

as diferenças tão próximas me fez perceber a dificuldade de desnaturalizar noções, categorias, classificações que constituem minha visão de mundo.

Como ensina Gilberto Velho (1994), a possibilidade de um empreendimento ser bem-sucedido vai depender das peculiaridades da própria trajetória dos pesquisadores, que poderão estar mais inclinados ou aptos a trabalhar com maior ou menor grau de proximidade com seu objeto.

Eu li esses textos como sugestão de meu orientador para auxiliar na pesquisa de campo, já que se tratava de um lugar aparentemente bastante familiar. Trata-se do trabalho monográfico intitulado *Desvio na praça*, sobre a Praça da Alfândega, em Porto Alegre (RS), defendido em 1987, com a orientação de Jorge Bozzobon, meu orientador no final do curso de Graduação²¹ – *Obrigada, Jorge!*²²

21 Ainda guardo com carinho as anotações e as referências bibliográficas sobre espaço e representação sugeridas pelo meu orientador de final de curso de Graduação: Mauss (1972), sobre a noção de morfologia social: tempo e espaço; Durkheim (1989), sobre o significado simbólico e social do espaço; Van Gennep (1978), os espaços limítrofes como perigosos; Leach (1978) e o espaço e o ritual; Lévi Strauss (1975), espaço e tempo e morfologia social; Bourdieu (1972), espaço interno, a casa e espaço acadêmico; Hall (1977), perspectiva proxêmica, e Foucault (1979), perspectiva genealógica.

22 Jorge Bozzobon morreu precocemente no início dos anos

Foi, portanto, a partir dessa primeira experiência de olhar, ouvir e escrever sobre a Praça da Alfândega, que decidi ser antropóloga. Após a conclusão do curso de Graduação, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, posteriormente, no Programa de Doutorado do Instituto de Investigaciones Antropologicas da Universidad Nacional Autónoma do México (UNAM). Hoje, trabalho no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e dou aula nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Pós-Graduação em Antropologia da UFRN.

Desde a Graduação, o tema da cidade me fascina: olhar atentamente suas ruas, os casarios, as igrejas, os monumentos, a arquitetura, que mostram seu passado e a convivência deste com o presente, o que me levou a perceber que os “espaços da cidade” não pertencem exclusivamente ao presente. Pertencem também ao passado e ao futuro. O espaço, neste sentido, é mutável. Mutável porque é eterno, efêmero, passageiro, permanente, público e privado.

2000, mas deixou alguns trabalhos significativos: mestrado e doutorado, artigos e o livro *Vocês, brancos, não têm alma*. Jorge foi colaborador do ISA e integrante da equipe do Programa Rio Negro e durante 20 anos manteve andanças e convivência com os índios Maku, uma das famílias linguísticas do Rio Negro.

Mas como pensar o contemporâneo, o urbano e a cidade tendo como elemento central o sujeito que a habita?

Naquele momento, as leituras de Gilberto Velho – *Observando o familiar*, publicado na coletânea *Aventura sociológica* e os livros *Desvio e divergência* e *A utopia urbana* – foram fundamentais para entender o que significa fazer uma pesquisa no meio urbano, quem são esses sujeitos, como interagem entre si e como reconstituir suas histórias de vida.

Desvio e divergência (1974) é uma coletânea de artigos sobre prostituição, homossexualidade, conceitos de *desvio e divergência*. Os autores propõem uma crítica à perspectiva patológica amplamente difundida pela mídia com o objetivo de relativizar as abordagens carregadas de preconceito e intolerância e produzir um conhecimento menos comprometido do fenômeno.

Na introdução, Gilberto Velho procura estabelecer relações complementares entre a abordagem interacionista e autores da Antropologia Social britânica, como Evans-Pritchard e Mary Douglas, especialmente através da temática das acusações.

Já no artigo *O estudo do comportamento desviante* (1999), o autor procura estabelecer um diálogo com Becker e Goffman. Esse artigo foi publicado inicialmente na Revista América Latina; depois, em 1971, traduzido

na *Social problems*, servindo de apoio para a pesquisa sobre Copacabana²³. Gilberto Velho demarca no recorte empírico a abordagem das camadas médias e uma releitura dos estudos de Chicago, especialmente a partir da segunda geração de Becker e Goffman.

Cabe ressaltar que, no final dos anos 1970, os comportamentos desviantes eram explicados ora como problemas de uma sociedade em crise, ora como características psicológicas inatas ao indivíduo.

Gilberto Velho, partindo de uma perspectiva interacionista, propôs que o desvio fosse entendido a partir da relação entre pessoas que acusam outras por estarem quebrando ou rompendo com determinados valores de uma dada situação sociocultural. O desviante seria aquele que faz leitura divergente de uma certa realidade social, não sendo necessariamente desviante diante de todos ou em todos os momentos.

O autor procurou demonstrar que o próprio caráter do sistema sociocultural no qual o indivíduo está inserido é o que permite uma compreensão dos comportamentos desviantes.

23 Ver *A utopia urbana* (1973) – um estudo sobre o bairro de Copacabana nos anos 60 e 70. Para o autor, esse bairro apresenta problemas de interação, convívio e tensão social. Trata-se de um livro que é um marco nos estudos sobre camadas médias urbanas no Brasil. Segundo alguns autores, a partir daí inaugura-se uma linha de estudos urbanos, com temas como: individualismo, projetos, trajetórias e redes.

No artigo *Vanguarda e desvio*, publicado em *Arte e sociedade* (1977), o autor traz questões sobre estigma, através de dois estilos de vida e visões de mundo de dois grupos das camadas médias cariocas da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, dando-nos uma perspectiva histórica dos processos de hierarquização social nos anos 1970. Em *Nobres e anjos* (1998), Velho trata do uso de drogas por pessoas de camadas médias no Rio de Janeiro.

Para Velho, ao mesmo tempo que é importante demarcar grupos, mais ainda é entender as suas trocas e influências recíprocas. Para tanto, estudou as relações entre níveis de cultura, entre elite e camadas populares, entre camadas médias e elites, enfim, a questão da mediação, a transição entre vários grupos e domínios.

Uma das contribuições importantes da obra de Gilberto Velho é o modo como ele percebia a mediação como prática cultural nas sociedades complexas. Para pensar a cidade brasileira nas suas práticas e interações urbanas, Gilberto Velho se utiliza dos conceitos de *marginal* e *mediador*. Segundo ele, alguns indivíduos teriam condições de circular melhor ou fazer a mediação entre dois ou mais mundos diferentes (*províncias de significados*). Esses mediadores seriam artistas, políticos, intelectuais e religiosos.

Gilberto Velho traz a discussão sobre os moradores/cidadinos que circulam pelos interstícios de diferentes

regiões, no contexto das sociedades complexas, conforme sua denominação, ainda que criticada por alguns autores. Os indivíduos poderiam transitar por diferentes mundos, como se pode ver, por exemplo, em *Unidade e fragmentação em sociedades complexas*, onde o autor narra um episódio que acontece no final da tarde na Av. Copacabana, Posto Seis, quando presencia um aglomerado de pessoas reunidas em torno de um acontecimento: um espírito (preto velho) que incorpora num senhor negro, forte, aparentando 60 anos de idade. Muitos curiosos se aproximavam, a fila aumentava, em ordem, respeitosamente e em voz baixa apresentavam suas perguntas ao preto velho. Nesse artigo o autor quer mostrar a coexistência de diferentes estilos de vida (moradores, patroas, empregadas, jovens) organizados numa ação coletiva, sustentada em crenças e valores compartilhados.

Conforme Velho,

Uma das tarefas mais difíceis ao narrar um evento, é transmitir o clima, o tom, do que está descrevendo. A sucessão dos fatos no tempo, número de participantes, reconstituição das interações, são etapas fundamentais mas, quase sempre, fica-se com a sensação e/ou sentimento de que falta algo crucial. No caso, o que me parece mais importante é tentar transmitir a ideia de que, para as pessoas envolvidas, nada de particular-

mente anormal estava acontecendo. Havia uma certa surpresa, curiosidade, graus diferentes de familiaridade mas, observei, sobretudo, um forte interesse combinado com evidente respeito. Certamente, na multidão que percorria a Avenida da Copacabana estavam pessoas que não se preocuparam ou não notaram o que estava se passando. Sem dúvida, nem todos pararam para ingressar na fila de consultas. Portanto, não só não afirmo que todos os passantes fossem umbandistas, como estou certo que poderíamos encontrar indivíduos céticos, indiferentes, ou mesmo hostis àquela manifestação (VELHO, 1994, p. 14).

Gilberto Velho traz novos pressupostos teóricos e metodológicos que definem a investigação urbana antropológica. O método etnográfico foi fundado na procura por alteridades: outras maneiras de ver o mundo. Mas o que significa subjetivamente viver essa experiência?

Gilberto Velho ensina que é justamente para essas fusões, encontros e conjunções que se deve dirigir o olhar. Ao longo de mais de quarenta anos de carreira, Velho publicou muitos livros, versando sobre diversos temas. As suas pesquisas apontaram para a coexistência de diversos grupos sociais, com estilos de vida, visões de mundo e códigos distintos. Ele sempre reconheceu a mudança e o conflito, que, longe de serem estados anormais da sociedade, constituem parte integrante dela.

Ao pesquisar uma praça pública, por exemplo, me deparei com inúmeros grupos sociais ou “tribos urbanas” que inspiraram diversas Antropologias: Antropologia das minorias, dos desviantes, dos marginalizados, da violência, da religião, da mulher, entre outras. São abordagens que se entrecruzam, inventam e reinventam as diferenças.

Na minha dissertação de Mestrado sobre a Praça XV de Novembro em Florianópolis, o objetivo inicial era mapear os grupos que dela se apropriavam. Entrevistei diferentes grupos, bem como indivíduos isoladamente, buscando identificar os diversos usos e significados dados ao espaço e compreender as redes de sociabilidade construídas por eles. Além disso, acompanhei os eventos, em especial o Carnaval, as procissões e as festas cívicas. Como a temática envolvia aspectos da construção do imaginário social da cidade, utilizei como fonte de pesquisa as crônicas sociais e policiais, revistas e jornais locais.

Nesse trabalho, foi preciso exercer um distanciamento, para poder vir a ter uma visão de conjunto e encontrar um fio condutor no uso das múltiplas fontes. Mas foi ao mergulhar naquele universo que compreendi a importância da etnografia e da relação dialógica de eu/outro. O esforço de compreender o horizonte cultural do outro estimula a compreensão da minha cultura, ao

mesmo tempo que consiste num esforço de compreensão do próprio horizonte do pesquisador.

No decorrer dessa pesquisa, percebi que o processo de apropriação da praça é, em todas as suas dimensões, simbólico. Mas, como alerta Bourdieu, esta é uma etapa necessária da apropriação concreta e efetiva de territórios e também de “pedaços”, pois representar o espaço já é uma apropriação.

Desde a fundação da cidade, a praça em questão foi referida como o eixo central, a partir do qual se expandiu o núcleo urbano, congregando frequentadores assíduos ou eventuais. Estes, enquanto indivíduos e grupos, conjugam diferentes inserções sociais, que muitas vezes se entrecruzam, vão impondo seus modelos de convivência, sua estética, enfim, suas representações, subvertendo ou não as concepções institucionais e oficiais. Esse interessante jogo da apropriação – lembrando Foucault (1979): *o poder não é exclusivo* – está em todo lugar e depende de negociações constantes. E é nestas que se constroem novas representações sobre a praça. Percebi, através da etnografia, que habitualmente só se vê a exclusão, a marginalização, reduzindo, assim, as diferenças a um denominador comum, à homogeneização.

O trabalho de campo me surpreendeu muito e me levou a perceber que há, sim, regras, classificações, diferenciações, como assinala Magnani (2002). Cada um dos frequentadores sabe (mesmo que inconsciente-

mente) o que possui e o que não possui. Identificam o seu “pedaço”, que passa a ser extensão de si, reconhecem o outro também pelo lugar que ele ocupa e, nesse jogo de ter e dar, prosseguem ressignificando a praça, os outros e a cidade.

Um outro exemplo vem de um trabalho de campo que realizei nas cidades fronteiriças – neste caso, Tijuana (México-EUA) –, onde foi possível descobrir uma nova forma de estilo de vida não prevista pelas hipóteses iniciais do projeto original. Uma nova forma de fazer música, uma nova forma de se vestir, uma mescla, um multiculturalismo, como uma nova forma de organização própria dessas zonas. Isto também foi possível identificar no contato direto com os pesquisados. Foi o olhar paciente do etnógrafo que permitiu aprofundar as “pistas” sugeridas, a partir dos arranjos dos próprios interlocutores.

E assim, com base nas observações de antropólogos, historiadores, escritores, arquitetos e cineastas que refletiram sobre o seu trabalho de campo, assumi a cidade como lugar privilegiado de estudo.

Seria impossível abarcar neste capítulo a multiplicidade de abordagens relacionadas à *cidade* a partir das abordagens de Gilberto Velho. Trata-se de algumas escolhas que refletem a minha formação como pesquisadora e um campo de interesse que visualizo a partir da Antropologia Urbana brasileira.

Parafrazeando Inmanuel Wallestein (1979), lembrar o passado é um ato social do presente. Essa situação me levou às lembranças de quando eu era aluna, no meu primeiro trabalho de campo, minha primeira experiência em sala de aula, meus alunos, meus colegas, enfim, meus mestres. Essa situação me levou a pensar na minha própria trajetória “individual” e profissional. Mas como disse Gilberto Velho (1994): “o passado é descontínuo”.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Librairie Droz, 1972.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Rio de Janeiro: Biblioteca Folha de S. Paulo, 2003.

CORADINI, Lisabete. *Desvio na praça*. 1990. 89 p. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS, Rio Grande do Sul, 1990.

CORADINI, Lisabete. *Praça XV: espaço e sociabilidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas; Fundação Franklin Cascaes, 1995.

CORADINI, Lisabete. *Memorias del futuro: imágenes y discursos de la ciudad latinoamericana*. 2000. 225 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Investigações Antropológicas, Universidade Autónoma do México, Cidade do México, 2000.

CORADINI, Lisabete. Cidades, imagens e desordem. *CRONOS*, Natal, v. 3, p. 73-79, 2002.

CORADINI, Lisabete. Memórias do futuro. In: ALMEIDA, M.; KNOBB, M.; ALMEIDA, A. (Org.). *Polifônicas ideias: por uma ciência aberta*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 246-249.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, E. de O. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

LEACH, E. *Cultura e Comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural I*. Tradução de Chaim Manuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MAUSS, Marcel. *Manual de etnografia*. Lisboa: Editorial Pórtico, 1972.

MAGNANI, J. G. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. De Mauss a Claude Lévi-Strauss. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Textos selecionados* (Os pensadores). São Paulo: Abril, 1989.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto (Org.). *Arte e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

VELHO, Gilberto. *O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de Antropologia social*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

WALLERSTEIN, I. *El moderno sistema mundial: la agricultura capitalista y los origins de la economía-mundo europea en el siglo XVI*. México: Siglo Veintiuno, 1979. v. 1